

**A CASA TRANSGRESSORA:
UMA ANÁLISE DA CASA VERDE DE VARGAS LLOSA**

Cristainer Rizelle Amorim Cristino (UFAC)

Maria Ozélia Andrade Reges (UFAC)

ozeliareges@bol.com.br

Os homens são em um mesmo tempo submetidos a dois movimentos: o terror que intimida, e a atração, que comanda o respeito fascinado. *O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão* (grifo nosso).

Historicamente, as relações humanas se baseiam em poder e se estabelece pela força, com a obrigação submissa do “menos” pelo “mais”, é sempre o menos forte, o menos representativo que será submetido. Como exemplo dessa submissão existe a relação de poder em determinados grupos sociais: a família é um deles onde a mulher e os filhos são submetidos ao poder patriarcal.

Falando sobre as relações de poder, Michel Foucault (1979, p. 250) esclarece que “na medida em que as relações de poder são uma forma desigual e relativamente estabilizada de forças, é evidente que implica um em cima e um embaixo uma diferença de potencial”.

O exercício nesse caso impera na relação de poder de grupos vulneráveis: mulheres, crianças, índios e negros ocasionando uma violência sobre aquele que apresenta menos condições de reação, por estar abaixo desse poder, por estar nos espaços da invisibilidade e do silenciamento.

Autores como Euclides da Cunha, Foot Hardman, Alberto Rangel, Márcio Souza e Mário Vargas Llosa tiveram a compreensão de escavar a invisibilidade e o silenciamento desses grupos vulneráveis em suas obras. Implicitamente, mas visivelmente denunciaram a questão da violência

contra a Amazônia enquanto espaço geopolítico; a violência contra mulheres e contra grupos indígenas; a desaculturação dos povos indígenas levados pelo consumismo do capitalismo; a prostituição na “floresta” e nos garimpos e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Temas esses, trabalhados pelo viés da literatura pan-amazônica, mas não tão distante da nossa realidade.

Vargas Llosa em *A Casa Verde* apresenta uma espacialidade temporal acerca da geopolítica da Amazônia Peruana por vias escritas vai tecendo minuciosamente detalhes acerca da cidade de Piúra – espaço central da trama – qual seja um prostíbulo denominado de “A Casa Verde”.

Nas entrelinhas além da denúncia da prostituição, Vargas Llosa denuncia também a exploração de crianças e adolescentes – indígenas – que são arrancadas ainda pequenas do seu grupo para saciar o desejo e a “fome” de homens inescrupulosos sedentos de sexo.

1. Tempo e espaço na narrativa de Vargas Llosa

O romance *A Casa Verde* apresenta em sua trama um evidente contraste espacial entre os lugares focados. Podemos distinguir mais que evidentemente a radicalidade existente entre as duas cidades presentes no romance: Piúra e Santa Maria de Nieva, localizadas na Amazônia peruana. Todavia o que atrai os olhares fortemente é *Piúra*, o deserto de areia localizado no litoral peruano. Seu posicionamento estabelece um difícil acesso, pois está próxima a uma região de dunas, onde o sol abrasador é constante, assim como o vento que forma uma couraça de areia a cada crepúsculo, obrigando os moradores a se recolherem no fim de tarde, refugiando-se da ação nociva causada pela corrente de vento, e, aos viajantes só resta enfrentar a tormenta:

Embuçados em ponchos, com amplos chapéus para resistir à investida do vento e da areia, os peões tangem toda a noite até o rio os pesados, lentos animais. Ao alvorecer, divisam Piúra: uma miragem cinza no outro lado da ribeirinha, uma aglomeração imóvel. Não entram na cidade pela Ponte Velha, que é frágil. Quando o leito está seco, atravessam-no, levantando uma grande poeirada. (LLOSA, 1999, p. 67)

Devido à seu clima hostil, sempre que a tarde chega a cidade fica deserta, o que aumenta a sensação de lugar ermo, inicialmente causada pelo clima desconfortável ao ser humano: "O sol ainda não apareceu, está tudo escuro, é quando a areia cai mais forte, quem vai pensar, então, em passear a essas horas?" (1999, p. 68). Porém, o fato da cidade ficar com

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

suas ruas vazias após o alvorecer, não quer dizer que seus habitantes não desfrutem de uma vida normal. A diversão noturna se dá nas rancharias, picanterias e chicherias, locais que equivalem aos nossos restaurantes e bares, e, diga-se de passagem a população local se farta de uma culinária picante e também, da cachaça de chicha amarelinha, feita de milho, bebida muito comum no Peru.

Como em todo pequeno vilarejo, a noite piurana está cheia de histórias, os camponeses falam de almas do outro mundo, mansões onde penam espíritos, curas milagrosas realizadas por feiticeiros, mulheres que viram a virgem da Catedral chorar, fatos sobrenaturais em si, que habitam o imaginário popular da redondeza. Também falam da desgraça propriamente dita, os mexericos ou "fofocas" em nosso linguajar comum. Correm história de bandidos vindos de cidades vizinhas com o objetivo de roubar os viajantes, e como dizem os casos mais sombrios, até mesmo degolá-los; grupos de guerrilheiros que dividem os fazendeiros da região em duas facções e percorrem o areal confiscando animais, alistando homens à força, impondo-se de forma violenta. Os duelos são comuns, assim como os adultérios e catástrofes.

No entanto os forasteiros ignoram os acontecimentos noturnos no interior da cidade. O isolamento, os vastos areais que separam Piúra do resto do país, a falta de estradas, extensíssimas travessias à cavalo sobre um sol abrasador e as tão famosas emboscadas de bandidos. Porém, o que mais odeiam é justamente o fato da vida noturna piurana tender ao tédio devido a sua falta de opção de diversão, especialmente para os homens: "Gostariam de antros que ardessem toda noite para queimar seus lucros. Por isso, quando partem, acontece falarem mal da cidade, chegam à calúnia" (LLOSA, 1999, p. 31). No entanto, a chegada de um misterioso forasteiro mudaria severamente o cenário calmo e pacato da pequena Piúra. Tal viajante é Dom Anselmo, que chega à cidade numa madrugada de dezembro e, devido ao cansaço da viagem acaba por adormecer na praça da cidade, sendo acordado pelos moradores curiosos, mas que em momento algum lhe negaram hospitalidade. O estranho viajante acaba por ficar na cidade, mesmo mantendo sua origem em segredo:

Não era comerciante de gado, nem arrecadador de impostos, nem agente de viagens. Chamava-se Anselmo e dizia ser peruano, mas ninguém conseguiu reconhecer a procedência do seu sotaque: não tinha a fala arrastada e afeminada dos limenhos, nem a cantante entonação de um chiclayano; não pronunciava as palavras com a viciosa perfeição da gente de Trujillo, nem devia ser serrano, pois não estalava a língua nos erres e nos esses (LLOSA 1999, p. 49).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Com o tempo Anselmo acaba por conquistar a simpatia dos piuranos, devido ao seu comportamento conservador e brincalhão. Elogiava a cidade, a simpatia do seu povo, a beleza das mulheres, seus esplêndidos crepúsculos. Adaptou-se de tal maneira que até seu falar já se mostrava "encantado" por Piúra:

Logo aprendeu o jeito da linguagem local e sua toada quente, preguiçosa: em poucas semanas dizia Guá para demonstrar assombro, chamava churres às crianças, piajenos aos burros, formava superlativos de superlativos, sabia distinguir a clarinha da *chicha* espessa, e das variedades de pecantes, conhecia de memória os nomes das pessoas e das ruas, e dançava o *todero* com as mangachas (LLOSA, 1999, p. 49).

Os acontecimentos na cidade interessavam à Anselmo de forma intrigante. Mostrava interesse quase inesgotável pelos costumes e usos de Piúra, sobre quem vivia e quem morria, quem eram os mais ricos, e por que, e desde quando. Procurou conhecer as diversões do povo, os casos de adultérios, que escândalos que inquietavam as beatas e os padres, de que modo os piuranos cumpriam seus deveres para com a religião e a moral, e como os casos amorosos se manifestavam na cidade. Durante algum tempo Anselmo colheu informações, interagiu com os moradores e mapeou o local. Seu objetivo era encontrar um lugar propício para fazer a construção que almejava. Comprou um terreno situado no outro lado da Ponte Velha, mais além dos ranchos em pleno areal. A notícia logo correu, estaria Dom Anselmo louco? Era aceitável o fato de estabelecesse em Piúra e construir uma casa, porém o fato de ser no deserto era estarrecedor: "A areia devoraria qualquer casa em pouco tempo, ela a engoliria como as velhas árvores podres ou os galináceos mortos" (LLOSA, 1999, p. 70). Efusivos, numerosos, os piuranos tentaram impedir esta loucura usando exuberantes argumentos para dissuadi-lo, entretanto ele prosseguiu com o plano louco.

Foi assim que nasceu na cidade triste de Piúra a Casa Verde. Sua construção demorou muitas semanas, pois as tábuas, as vigas e os tijolos tinham de ser arrastados do outro lado da cidade, o processo foi penoso:

O trabalho começava de manhã, ao parar a chuva seca, e terminava ao aumentar o vento. De tarde e de noite, o deserto engolia os cimentos e enterrava as paredes, os iguanos roíam as madeiras, os urubus armavam seus ninhos na incipiente construção e, a cada manhã, era preciso refazer o iniciado, corrigir os planos, repor os materiais, em um combate mudo que foi empolgando a cidade. "*Em que momento o farasteiro se dará por vencido?*" (LLOSA, 1999, p. 85).

Alguns meses depois a Casa Verde estava erguida e pronta para exercer sua função. Dom Anselmo comprou esteiras, lamparinas, cortinas de cores berrantes, muitas cadeiras, espelhos, camas. Ele ainda percorreu incansavelmente o interior dos bairros e povoados vizinhos, em busca de artistas, guitarristas, flautistas, maestros. E por último e para o desespero dos conservadores da cidade, Anselmo trouxe uma caravana de mulheres. Nascia, assim, uma casa noturna, um prostíbulo, tão desejado pelos viajantes.

Os primeiros meses de funcionamento da casa coincidiram com desgraças. No primeiro ano o rio que corta Piúra cresceu e continuou enchendo, alagou chácaras, muitas plantações, animais morreram afogados. No segundo ano, como em represália contra as injúrias que proferiram os donos de terras inundadas, o rio não voltou a seu leito. Um dos habitantes e revoltados, padre Garcia não se reprimia em expressar sua revolta: "– Estas são as desgraças do pecado – rugia padre Garcia. – Ainda há tempo, o inimigo está em suas veias, matem-no com orações" (LLOSA, p. 89). Mas nem a inundação e a seca tiraram a glória crescente da Casa Verde.

No primeiro ano a casa noturna abrigou apenas quatro mulheres, mas no ano seguinte, quando as mesmas partiram, Dom Anselmo viajou e voltou com oito, e, anos mais tarde, perto de seu apogeu, contabilizou-se vinte mulheres. Além destas "damas" a Casa Verde hospedou em sua boa época, Angélica Mercedes, uma jovem que herdara de sua mãe a sabedoria, a arte dos picantes. Sempre ia com Dom Anselmo ao mercado escolher ervas, condimentos, carne para preparar sua saborosa comida tão apreciada pelos frequentadores do local.

2. A casa transgressora: prostituição e exploração sexual de crianças

A Casa Transgressora atraía visitantes de todas as cidades, jovens, adultos, não escondiam mais a fascinação pela transgressão.

Vargas Llosa esmiuçou em sua narrativa a luxúria, o interdito e a transgressão em um espaço dotado de contradições. As atividades desenvolvidas na casa se voltavam para a prática do lenocínio, para o silenciamento de mulheres como seres humanos.

Mário Vargas Llosa denuncia a exploração sexual de crianças e adolescentes nos espaços ficcionais de *A Casa Verde*:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

– As mais sacanas – disse Ruivo – dava uma surra nelas. O gordo, ao invés, faria uns carinhosinhos, nela, e riu, meu sargento: não é verdade que as mais maiorzinhas estão no ponto? Eles já as viram, nos domingos, quando iam tomar banho de rio? (LLOSA, 1999, p.71).

Aqui o ser humano (mulher, criança, índios...) é vítima da exploração dos comentários dos homens, que as vêem como objeto de uso e troca.

– Você não pensa em outra coisa, sargento. – Desde que se levanta até que se deite sempre, as mulheres. – Mas se é verdade, meu sargento. **Aqui crescem tão depressa, aos onze anos estão maduras para qualquer coisa. Não me diga que não faria uns carinhosinhos nelas se tivesse ocasião. – Não me abra o apetite, Gordo [...]** (grifo nosso) (LLOSA, 1999, p.71).

É monstruosa a maneira como o “homem” se expressa ao falar das crianças: “*maduras para qualquer coisa*” (grifo nosso). E o outro ainda pede para não lhe abrir o apetite deixando claro que usam a mulher/criança como um objeto, como comida.

Essa prática horrenda acontece em todos os extratos sociais como sendo um problema social ou cultural. Essa prática decorre de uma cultura de “dominação” associada a causas de discriminação racial e de gênero.

Os espaços da narrativa são visivelmente radicais e a vida amazônica é tida como lugar de expansão do imaginário. Todavia esse imaginário é bem cruel, pois narra a barbárie contra grupos indígenas quando arranca suas crianças ainda pequenas para serem exploradas sexualmente.

Percebemos com a leitura que a Amazônia é palco da diversidade física e humana, de beleza e de horrores, de rios com suas águas caudalosas da cor de barro cru e às vezes da cor de sangue. Sangue de homens que lutaram pela sua afirmação linguística, pela sua identidade como o “homem da floresta”. A Amazônia também é palco da degradação da floresta e da violência humana. Essa violência humana vitimizadora de grupos indígenas, de negros, de mulheres e de crianças.

A “pena” de Vargas Llosa descreve e narra com exatidão essa Amazônia: tão bela e tão feroz... A casa não era uma casa, tão somente a casa verde, mas a casa da transgressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LLOSA, Mário Vargas. *A Casa Verde*. São Paulo: Alfaquara, 1979.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. 8. ed. rev., atual e ampl. Niterói: Impetus, 2011.